

SOU MULHER, MINHA HISTÓRIA NÃO TEM LIMITES

Lucinalva Ferreira ¹

Introdução

É notório homenagens às mulheres destaques na política, nos setores produtivos públicos e privados, principalmente no mês de março, quando se comemora o dia internacional da mulher.

Assim, com o intuito de evidenciar não apenas as mulheres com oportunidades de destaques, como também o dia a dia de mulheres especiais ou mães atípicas, um evento que integrasse às atividades da disciplina de Educação para a Diversidade, ofertada nos cursos de Licenciatura do Campus Araguatins do IFTO foi pensado. Como afirma Palácios (2004), a presença de um filho com deficiência altera rotinas e modo de vida, por ser um acontecimento surpreendente, um fato traumático, confuso, sofrido e provoca conflitos internos ao desenvolver sentimentos semelhantes aos vivenciados em um processo de luto.

Desta forma, surgiu a ideia de entrevistar mulheres com jornada ampliada, para cuidar dos filhos atípicos, de maneira especial, da casa e em muitos casos, ainda trabalhar fora. Segundo Buscaglia (2006), descobrir as limitações do filho, em qualquer família, é sempre um encontro com o desconhecido. Enfrentar essa nova e inesperada realidade causa sofrimento, confusão, frustrações e medo. Desde o princípio, continuam sendo as mães as responsáveis pela maior parte dos cuidados com os filhos, com variada colaboração de outros membros da família (Carey, 1982; Cooke e Lawton, 1984; Holmes e Carr, 1991).

As mulheres, mães de crianças com deficiências, tornam-se invisíveis, pois suas dores, lutas, desejos, serviços de apoio, por vezes, são negligenciados. (SOARES, 2018). Acredita-se que a atividade serviu para que outras iniciativas ressurgam e discutam a importância de analisar a necessidade de mais atenção a estas mulheres, que se desdobram para cuidar de si e entender as atipicidades dos filhos.

O projeto teve como objetivos reconhecer o papel da mulher no processo de inclusão, a partir de narrativas e experiências vividas pelas mães de crianças com necessidades específicas e em acompanhamento especial, além de refletir sobre a jornada ampliada e o papel destas mulheres na sociedade.

¹ Professora Mestre em Educação pela UFSM. IFTO- Campus Araguatins – Araguatins-TO
lucinalvaferreira@ifto.edu.br

Para os professores em formação, segundo Cunha (2016), o projeto discute saberes e práticas inclusivas, reverbera para aspectos pertinentes a ideia da educação na inclusiva e ressalva a necessidade do diálogo entre a teoria e a prática, para subsidiar o trabalho do professor na sala de aula. Assim, Jerusalinsky (2000), destaca que o desejo da criança com deficiência passa a ter lugar e a desdobrar-se à medida que pode começar a ser suposto e escutado, e também à medida em que se formula uma expectativa em relação a esta criança.

Neste sentido, a Lei Brasileira de Inclusão – LBI (Lei 13.146/2015), dispositivo legal nacional que garante “o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015), traz como inovação o abandono às abordagens marcadas pelo assistencialismo e pelo capacitismo, o preconceito estrutural contra pessoas com deficiência, que muitas vezes as reconheçam como pessoas naturalmente menos capazes ou excepcionais (CAMPBELL, 2008)

Isto posto, para sua concretização, o trabalho contou com a elaboração de uma proposta, pelos acadêmicos, que identificaram as entrevistadas e em seguida, as convidaram para participarem do projeto. Posteriormente à concordância ao termo de consentimento, estas mulheres foram entrevistadas e/ou fotografadas sozinhas e/ou com os filhos.

Portanto, a culminância do projeto deu-se em 30 de março de 2023, no auditório da Escola Municipal professora Nair Duarte, com exibição dos vídeos e das fotos para o público presente, além dos estudantes do 7º período de Licenciatura em Computação e 5º de Ciências Biológicas, tendo as mães como convidadas e palestrantes.

Acredita-se que esta servirá de sensibilização para a sociedade quanto à importância de políticas públicas que atendam às expectativas das "mães especiais", como roda de conversas; visitas, cursos ou outras atividades que elevem a sua autoestima.

Procedimentos Metodológicos

O projeto foi realizado no município de Araguatins-TO e contou com a participação de 03 estudantes voluntários, que realizaram os agendamentos, as fotografias e as filmagens; e 32 estudantes das licenciaturas, que organizaram as atividades para a culminância do evento, como ornamentação, alimentação, programação, recepção e cerimonial. Devido ao período chuvoso e o difícil acesso ao campus, 5km em estrada de chão, optou-se em realizar o encerramento do projeto no auditório da Escola Municipal de Tempo Integrado professora Nair Duarte, situada no Centro da cidade.

A pesquisa teve caráter qualitativo, pois se preocupou com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). Os dados foram coletados através de entrevistas estruturadas com as mães selecionadas, desse modo, as entrevistas estruturadas são elaboradas mediante perguntas previamente formuladas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas (LODI, 1974 apud LAKATOS, 1996).

Utilizou-se também observações, definidas como uma técnica de coleta e registro de um fenômeno, por meio de instrumentos ou contato direto com as pessoas observadas, trazendo importantes contribuições para pesquisas realizadas com crianças com desenvolvimento atípico (Bosa & Souza, 2007).

1. Inicialmente as mães foram contactadas via WhatsApp, para saber se aceitavam participar do projeto, aceitando as entrevistas foram marcadas.
2. Antes da gravação e fotos, as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento, em seguida deu-se prosseguimentos às gravações dos vídeos e as fotos;
3. As filmagens aconteceram na residência das entrevistadas, em dias e horários de melhor conveniência a elas. Para as entrevistas, a equipe obteve o retorno de 13 mulheres (11 mães atípicas) e 02 com alguma limitação, sendo uma com amputação na perna, após sofrer uma trombose. Esta foi escolhida por ser mãe de duas crianças de 5 e 8 anos.

Neste sentido, as entrevistas ocorreram em datas e horários marcados, ou remarcados, conforme a disponibilidade das mães. Em cada entrevista uma nova realidade, desafio, descoberta, decepção com o poder público, esperança de autonomia dos filhos ou saudade daqueles que não estão mais presentes.

Resultados e Discussão

Dentre os aspectos mais marcantes do projeto foram: o momento de luto; o atendimento pelo SUS; a questão financeira; a importância de reconhecer a LBI; respeito aos limites dos filhos; Compartilhamento entre pais com filhos atípicos; sentimento de culpa; a dupla jornada e o cuidado com os filhos; na escola, existem relatos de acolhimento, desconhecimento; rejeição e muita superação, conforme descrito a seguir:

De acordo com relato de uma das mães: “quando se trata de maternidade, não existem limites.” (M1). Dessa forma, as mães vivem em busca de apoio. Smeha e Cezar (2011, p. 49) afirmam que:

A qualidade do suporte advindo das redes de apoio torna a vivência da maternidade uma experiência menos sofrida, e quanto mais eficaz for o auxílio a estas mulheres mais confiantes elas ficarão quanto aos cuidados com o filho (...). Salienta-se ainda que a ajuda, tanto emocional como financeira, recebida da família nuclear e ampliada, constitui a rede de apoio mais eficaz para estas mães.

Nos relatos das mães foi possível identificar a importância da família no processo de inclusão e apoio às crianças e a parceria família e escola. Outro aspecto importante observado foi o apoio da Rede Sarah na reabilitação dessas crianças. No entanto, para quem está no norte do país o acesso ainda é difícil. Neste sentido, uma das mães relatou a importância de conhecer a LBI para o processo de inclusão e busca dos direitos ali garantidos. Por unanimidade, os relatos foram de surpresa em descobrir os filhos com atipicidade, pois nenhum pai espera por uma situação destas.

“A gente vivencia muitas experiências ruins, e eu vivenciei isso como mãe pelo que observamos, a dificuldade do outro é maior que a sua. É importante agradecer pela vida de seu filho”.

É imprescindível destacar o trabalho voluntário que muitas mulheres participantes do projeto realizam com mães atípicas, e a sociedade precisam saber que estas pessoas devem ser vistas como pessoas com deficiência, que possa ser falado, discutido sobre atipicidade e os direitos sejam de fato reivindicados e garantido.

Considerações finais

Reconhecer o papel da mulher com filhos atípicos na sociedade ainda é um entrave e para isso é necessário que o professor em formação vá além da sala de aula e entenda como se dá no processo de inclusão na prática, compreenda quais são as dores, anseios, recusas e esperanças de mulheres de lutam por uma vida digna para seus filhos. A fim de disseminar atividades como estas, o grupo já se reuniu e realizará rodas de conversas em escolas de zonas rurais, com a presença da comunidade, proporcionando também atividades como limpeza de pele, salão de beleza e exibição do vídeo produzido durante a culminância do evento.

Palavras-chave: Mulheres, Crianças atípicas, inclusão, professores em formação, LBI.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao IFTO pelo apoio, aos estudantes que pensaram e realizaram este projeto e às mães que se dispuseram a participar deste desafio.

REFERÊNCIAS

BOSA, C. A., & SOUZA, A. D. (2007). **Interação mãe-criança e desenvolvimento atípico: A contribuição da observação sistemática.** In C. A. Piccinini, & M. L. S. Moura, (Orgs.). Observando a interação pais-bebê-criança, 235-257. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (**Estatuto da Pessoa com Deficiência**). Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 24 ago. 2023.

BUSCAGLIA, L. F. (2006). **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento** (5a ed.) (R. Mendes, Trad.). Rio de Janeiro: Record.

CAMPBELL, F. K. **Exploring Internalized Ableism using Critical Race Theory. Disability & Society**, v. 23, n. 2, p. 151–162, 2008. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/29467719_Exploring_Internalized_Ableism_Using_Critical_Race_Theory. Acesso em: 24 ago. 2023

CAREY, G. E. **Community care - care by whom? Mentally handicapped children living at home.** Public Health. EUA, v. 96, p. 269-278. 1982.

COOKE, K., LAWTON, D. **Informal support for the carers of disabled children.** Child: Care, Health and Development. England, v. 10, p. 67-79, 1984.

CUNHA, A. E. **Práticas Pedagógicas para inclusão e diversidade.** 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

HOLMES, N., CARR, J. The Pattern of Care in Families of Adults with a Mental Handicap: A Comparison Between Families of Autistic Adults and Down Syndrome Adults. **Journal of Autism and Developmental Disorders.** England, v. 21, n. 2, p. 159-176, 1991.

, A. Desenvolvimento e psicanálise. In: **Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar.** 5. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 6a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo.** Psicologia em Estudo. Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, mar. 2011

SOARES, A.M.M. **Experiências das mulheres mães das pessoas com deficiência: Da (in)visibilidade à participação social.** 2018 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba.